

A RELAÇÃO ENTRE HOMEM E TEMPO, NA MÚSICA, À LUZ DA FILOSOFIA

*THE RELATION BETWEEN
MAN AND TIME, IN MUSIC,
UNDER THE LIGHT OF
PHILOSOPHY*

Pedro Bustamante Teixeira¹
(UFJF)
Ana Laura Furtado Pacheco²
(UFJF)

RESUMO: O presente artigo investiga a relação do homem com o tempo, na música, mediante as leituras das canções “Resposta ao tempo” (Aldir Blanc e Cristóvão Bastos), “Oração

¹ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. tiguera328@hotmail.com

² Aluna do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. analaurafurtado@hotmail.com

ao Tempo” (Caetano Veloso) e “Sobre o Tempo” (John Ulhoa). Esta pesquisa acerca do vínculo entre homem e tempo, realizada conforme princípios filosóficos, explora as instâncias: aporia, dom e eclipse. Tal abordagem foi desenvolvida através do método hipotético-dedutivo, uma vez que houve a colocação de um problema, a formulação de uma hipótese como resposta ao mesmo, e a elaboração de uma conclusão. O objetivo deste trabalho é averiguar quais são os sentimentos que o ser humano nutre pelo tempo e qual o papel que este desempenha em sua vida. O embasamento teórico para o desenvolvimento foi constituído de acordo com conceitos apresentados nas obras dos filósofos Jacques Derrida e Jean François Lyotard, além da aproximação entre literatura e filosofia (NANCY, 2013), presente no seminário *Pensamento Intruso*, realizado por Jean Luc Nancy. Após o estudo das três canções que compõem o *corpus* analítico, conclui-se que a conexão entre homem e tempo é passível de ser realizada de diferentes formas, de acordo com a fase da vida experienciada pelo sujeito lírico de cada canção.

PALAVRAS-CHAVE: Aporia. Dom. Relação com o tempo. Caetano Veloso. Aldir Blanc.

ABSTRACT: This article investigates the relationship between man and time in music by analyzing the songs “Resposta ao Tempo” (Aldir Blanc and Cristóvão Bastos), “Oração ao Tempo” (Caetano Veloso) and “Sobre o Tempo” (John Ulhoa). This research about the link between man and time, carried out according to philosophical principles, explores the instances: aporia, gift and ellipse. The approach was developed through the hypothetical-deductive method, since a problem was presented, a hypothesis was formulated in response to it, and a conclusion was drawn. The aim of this paper is to find out what are the feelings that the human being has for time and which role it plays in his life. The theoretical basis for development was constituted concerning concepts presented in the works of philosophers Jacques Derrida and Jean François Lyotard, as well as the approximation between literature and philosophy (NANCY, 2013), present at the seminar *Pensamento Intruso* (Intruder Thought), conducted by Jean Luc Nancy. After studying

the three songs that make up the analytic *corpus*, it is concluded that the connection between man and time can be realized in different ways, according to the phase of life experienced by the lyrical subject of each song.

KEYWORDS: Aporia. Gift. Relation with time. Caetano Veloso. Aldir Blanc.

Introdução

Este artigo analisa a relação entre o homem e o tempo, a partir dos âmbitos dom, aporia e eclipse. O embasamento teórico para o desenvolvimento da pesquisa foi constituído de acordo com conceitos apresentados nas obras dos filósofos Jacques Derrida e Jean François Lyotard, bem como na aproximação entre literatura e filosofia, presente no seminário *Pensamento Intruso*, realizado por Jean Luc Nancy, em 2013. O *corpus* analítico é composto pelas canções “Resposta ao tempo” – de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos –, “Oração ao tempo” – de Caetano Veloso e “Sobre o tempo” – de John Ulhoa.

Na próxima seção, encontram-se as letras das composições estudadas e a análise do comportamento humano perante o tempo, verificado em cada uma delas. Em seguida, apresenta-se a conclusão do estudo, na qual é traçado um paralelo entre as relações verificadas nas letras das canções. Por último, apresentam-se as referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa.

Leituras das canções

1.1 Resposta ao tempo (Aldir Blanc e Cristóvão Bastos)

Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho
Pra ter argumento

Mas fico sem jeito
Calado, ele ri
Ele zomba
Do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei

Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo

Recordo um amor que perdi
Ele ri
Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei

E gira em volta de mim
Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro
Sozinhos

Respondo que ele aprisiona
Eu liberto
Que ele adormece as paixões
Eu desperto

E o tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver

No fundo é uma eterna criança
Que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder
Me esquecer

“Resposta ao tempo” foi composta, em 1998, por Cristóvão Bastos e Aldir Blanc, considerado pelo crítico musical Tárík de Souza em seu livro *Tem mais samba: das raízes à eletrônica* (2003), um “ourives do palavreado” (SOUZA, 2003, p.289). A canção recebeu o “Prêmio Sharp, na categoria Melhor Música e encerrou a retrospectiva das Melhores Canções do Século, selecionadas por Ricardo Cravo Albin dentro do acervo fonográfico da EMI-Odeon.” Há de se destacar que a canção foi o tema de abertura da minissérie *Hilda Furacão* (Rede Globo) na interpretação memorável de Nana Caymmi.³ Mais tarde, o próprio Aldir a gravaria em seu CD *Vida Noturna*, lançado em 2005.

Júlio Diniz (2008), em seu artigo “O recado do morro – criação e recepção da música popular brasileira”, descreve quatro forças constitutivas que, enquanto tal, devem ser consideradas na leitura da canção: música, letra, intérprete, ouvinte. Como a música da canção, a interpretação, a audição e, de forma literal ou prosódica, até a letra, de uma versão para outra, se transformam; para se analisar “Resposta ao tempo”, escolheu-se a versão de Nana Caymmi. A mesma que foi lançada, primeiramente, na trilha sonora da minissérie da Rede Globo, e depois, em seu disco *Resposta ao Tempo*, ambos de 1998. Para muitos, a abertura da canção é a abertura da minissérie. A canção se tornou o maior sucesso popular de Nana Caymmi. Vale lembrar que no momento que foi lançada a canção, a cantora já contava mais de 30 anos de carreira.

O bolero de Cristóvão Bastos, que também assina o arranjo, traz um novo Aldir Blanc. O Aldir letrista da parceria Cristóvão Bastos e Aldir Blanc, que não é mais o Aldir da parceria João Bosco e Aldir Blanc. É o Aldir do Bolero, o Aldir de Nana. A composição se divide em três momentos em que o tempo se faz presente para a persona da narrativa da canção. Cada momento traz duas estrofes com harmonias bem parecidas. Nas primeiras duas estrofes, a frase termina em um tonema⁴ descendente, resignado: “eu (também) não sei”. Na última, o tonema é ascendente, desde então, a música se

prepara para a conclusão que se dá na canção, tanto no seu aspecto musical quanto no seu aspecto literal.

Na primeira estrofe, o tonema descendente conduz a harmonia para o centro tonal e o seguinte pêndulo modal, entre a tônica e a subdominante, na segunda, conduz a um novo desdobramento, uma pequena estrofe que não é um refrão, mas que é um momento crucial da canção. Esse traz as frases: “E gira em volta de mim/ Sussurra que apaga os caminhos/ Que amores terminam no escuro/ Sozinhos/”, em uma harmonia complexa que, se apoiando em acordes diminutos, de preparação, suspendem o texto da canção, conduzindo a uma transformação do enunciador. Após esse momento decisivo na narrativa da canção, ela para a harmonia dos momentos primeiros, mas a persona já é outra.

Enfim, a persona abandona a passividade que a caracterizava até então. A sua reposta se faz, enfim, presente, e há confronto, diferenças de perspectivas. O tempo, por sua vez, acusa o golpe e passa a invejar a vitalidade da persona, passa a querer até aprender com ela. Contrariamente aos dois primeiros momentos que terminam com tonemas descendentes, enfatizando o tom de resignação, o terceiro momento termina com um tonema ascendente. Nos dois primeiros momentos os tonemas descendentes conduziam à volta à tônica. Agora, a tônica, com o acréscimo da sétima e da nona, torna-se dominante e prepara para a subdominante que passa a assumir o papel da tônica.

A partir de então, tem-se mais uma pequena estrofe que prolonga a harmonia em uma sequência clássica de acordes, dos tempos da bossa nova, Fá maior com sétima (subdominante), Fá menor com sexta, mi menor com sétima, lá com a sétima maior, Ré com a sétima e nona, Fá com baixo em sol (dominante), que reconduzem a música da canção à tonalidade original: dó maior. Conclui-se, assim, de forma magistral, tanto a música quanto a letra da canção, com a persona superando um compreensível complexo de inferioridade diante do tempo.

A canção é um bolero em dó maior, em que os baixos se alternam em tônica, dominante, tônica, enquanto os acordes se alternam em tônica, subdominante, tônica. A partir de então, ao invés de se voltar ao acorde de preparação fá com baixo em sol [baixo na dominante (sol) e acorde em subdominante (fá maior)] avança-se com um acorde de lá menor com 7, sexto grau da escala diatônica de dó maior, que faz com que a canção ultrapasse o modalismo inicial, aventurando-se no mundo tonal. O movimento anunciado se encerrará com um tonema descendente, que reconduz a canção ao centro modal originário, ao acorde de do maior com sétima e nona, e, em seguida, iniciando um segundo momento do personagem com o tempo, repete-se o desenvolvimento harmônico do primeiro.

A letra da composição é iniciada pelos versos “Batidas na porta da frente/ É o tempo” – em um canto-resposta, no qual a frase “É o tempo” completa o significado da frase anterior, elucidando o sujeito da ação. Desde já, o tempo se faz presente na canção. O tempo é uma alegoria. Representa a maturidade, a morte, o acerto de contas. O tempo se apresenta, inexoravelmente. Resignada, diante da iminência do encontro, a persona encarnada por Nana, bebe “um pouquinho pra ter argumento”. A relação entre os dois personagens da canção (tempo e eu-poético) não é de visitação e hospitalidade, pois, de acordo com Jacques Derrida, em *Hospitalidade* (1997): “Na visitação não há porta. Chega alguém e em qualquer momento e passa a ter necessidade de chave para a porta.” (DERRIDA, 1997, p.39-40). Logo, a porta significa a presença da negação, a barreira que pode impedir um contato indesejado.

A partir do trecho: “Mas fico sem jeito/ Calado, ele ri/ Ele zomba do quanto eu chorei/ Porque sabe passar/ E eu não sei” entende-se que a atitude do tempo, de zombar do eu-lírico deve-se ao fato de a personagem da canção sofrer e chorar por recordar-se dos momentos tristes de sua vida, enquanto o tempo não se prende a nada, pois é próprio de sua natureza passar, avançar, e deixar para

trás os acontecimentos. O tempo não se prende aos fatos, mas as pessoas, sim, conforme assegura Jean François Lyotard, em seu livro *O Inumano – Considerações sobre o Tempo* (1997): “[...] o sofrimento de pensar é um sofrimento do tempo, do acontecimento.” (LYOTARD, 1997, p.27).

Por conseguinte, todo o sofrimento, que parece insuportável e que insiste em machucar, torna-se pequeno diante da imensidão do tempo. Consequentemente, o tempo promove o dom, uma vez que, sem pedir nada em troca, transforma em lembrança longínqua a dor que antes era imensa. Contudo, para esse dom se realizar, é necessário desarmar-se perante o tempo, oferecer-se a ele apenas como morada, sem desejar nada em troca, pois, como afirma Derrida (1997): “[...] a hospitalidade torna-se o limiar e/ou se torna a porta.” (DERRIDA, 1997, p.39-40).

No ensaio “Apertura dell’aporia” (2013), Jean-Luc Nancy assegura que:

Ao dom responde não a interrogação, a absorção, a posseção de algo dado, mas ao dom responde primeiramente o receber, receber o dom. A posição do donatário em relação a essa do doador. Um pensamento está sempre em receber. Ele se abre em um receber. (NANCY, Jean-Luc, 2013, p.18).

Logo, a afirmação de Nancy deixa transparecer que o tempo oferece o dom: a chance de amar, sofrer, viver e de depois esquecer o que passou e seguir em frente.

Dessa forma, admite-se que o tempo se doa e não pede nada em troca, porque a sua função é seguir em frente. No entanto, cabe aos seres humanos a tarefa de receber esse dom e saber prosseguir, ainda que conscientes de sua impermanência. Nesse sentido, é imprescindível ao humano desenvolver a habilidade de resistir, restar, abrir a aporia, em vez de exigir uma resposta imediata para os problemas.

Nancy (2013) garante que a aporia não é um processo rápido, muito pelo contrário, ela demora para ser realizada:

E, claro, então, ela demora, que é preciso resistir, como diz Derrida; algo é preciso suportar, é preciso sofrer algo, mas ao mesmo tempo não é preciso somente resistir: na própria resistência algo outro que a resistência como sofrimento se abre [...] (NANCY, Jean-Luc, 2013, p.21).

Somente através da pausa, da ruminância de sentimentos e emoções é possível a realização do movimento elíptico, que consiste na reinvenção de si mesmo, na permissão de um recomeço. O processo da elipse é o recomeço proporcionado pelo tempo, que permite o humano transformar-se em outro – a partir de vivências e experiências. Consoante Lyotard (1997), todo momento é uma oportunidade de abrir-se a algo novo. (p.40).

A começar do excerto: “Num dia azul de verão/ Sinto o vento /Há folhas no meu coração/ É o tempo”, ouve-se o segundo instante em que o tempo se faz presente. Se na primeira vez, ele batia à porta da frente, agora o tempo se apresentava dentro da personagem, em lembranças de vivências acumuladas no tempo. Com o decorrer do tempo, o ser humano adquire, também, experiência e maturidade. Todavia, só o movimento elíptico – que é próprio do ser vivente, nunca realizado pelo tempo – permite a transformação constante, o que proporciona uma relação saudável com toda a bagagem adquirida durante a vida, a fim de que ela se torne potência, e não apenas um peso.

Em harmonia com Lyotard (1997), a elipse é “[...] esta espécie de limpeza do espírito, tão necessária para que ele possa pensar.” (LYOTARD, 1997, p.27). Em outras palavras, é a oportunidade de transformar em memória, de uma forma benéfica, toda a experiência vivida e usufruí-la sem pesar. Doá-la, trocá-la com o outro e com o próprio tempo, para estar sempre livre e leve para novos aprendizados.

A passagem: “Recordo um amor que perdi/ Ele ri/ Diz que somos iguais/ Se eu notei/ Pois não sabe ficar/ E eu também não sei/” marca o segundo momento da personagem que canta com o tempo, no qual, através do diálogo, descobre-se em posição de equidade com ele: “Diz que somos iguais/ Se eu notei/ Pois não sabe ficar/ E eu também não sei/”. Aqui, a persona se equipara ao tempo por estar em constante movimento.

Como sua obrigação é passar, o tempo não resta. Entretanto, o humano precisa aprender a lidar com o restar, o deixar-se demorar, o fazer a pausa necessária para seguir em frente e, finalmente, alcançar o não ficar, que consiste em fazer da vida uma elipse contínua, ou seja, um retorno pela diferença. Em consonância com Lyotard (1997), o sofrimento constitui-se por pensar o que já foi pensado. Nessa perspectiva, o remoer ocorre a partir da dificuldade de transformar esse sentimento em outro, de afastá-lo ou superá-lo. (LYOTARD, 1997, p.28).

Apresentados os dois primeiros momentos, introduz-se a estrofe decisiva: “E gira em volta de mim/ Sussurra que apaga os caminhos/ Que amores terminam no escuro/ Sozinhos”, que marca o clímax do encontro entre a persona e o tempo, quando ele, provocando ao limite a persona, a tira do eixo, forçando-a a reagir. Até então, a personagem mantinha-se passiva, pequenina, subserviente ao tempo, que, sem prévio aviso, foi visitá-la. Essa estrofe divide os dois momentos da persona e é, tanto em sua parte musical quanto literal, um rito de passagem que desenha de forma literomusical o movimento elíptico empreendido pela persona da canção.

Após o clímax apresenta-se enfim o terceiro e último momento da canção, em que o eu, ainda que momentaneamente, ultrapassa o tempo. Quando, depois da própria virada do movimento elíptico, passando por todas as questões que o tempo propõe, após realizar a elipse, a persona sente-se em segurança para agir e, por fim, fazer presente a sua resposta ao tempo, assumindo o protagonismo de

sua própria narrativa. O tempo, por sua vez, reconhecendo a superioridade da persona “se rói com inveja” da persona e começa, posto que é de outra natureza, a querer aprender com essa que morre “de amor para tentar reviver”. Ao realizar a aporia, morrendo de amor para tentar reviver, a persona revela ao tempo que também é provida de fortalezas, pode ir e voltar; viver e reviver; enquanto o tempo, por sua vez, está condenado ao movimento constante. É o embate entre o mortal e o imortal, representados pela persona que canta e o tempo, respectivamente.

Por ser retilíneo, o tempo não pode reviver ou resgatar um momento ou uma emoção, pois é obrigado a passar, a seguir em frente. Por nunca ter a possibilidade de retornar, ele se transforma constantemente em outro. Cada segundo é um novo tempo, o que é corroborado por Lyotard (1997): “Pelo facto de ser absoluto, o presente que apresenta não é apreensível: *ainda não é ou já não é* presente. Para apreender a própria apresentação e apresentá-la, é sempre cedo demais ou tarde demais.” (LYOTARD, 1997, p.66).

Como o tempo é condenado a permanecer, mantém-se em sua estaticidade. Portanto, é o humano que se coloca superior ou inferior a ele. A partir daí, é possível compreender a canção “Resposta ao tempo” como a narrativa de uma superação. Depois de um momento de subserviência diante do tempo, passa-se ao incontornável embate com o tempo. O sujeito lírico, tendo realizado o movimento elíptico, a aporia, é capaz de tecer um comentário maduro sobre o tempo e a eternidade que consagra a vitória efêmera da persona nesse embate: “No fundo é uma eterna criança/ Que não soube amadurecer/ Eu posso, ele não vai poder/ Me esquecer”.

Ao alcançar a maturidade e compreender a sua relação com o tempo, o eu-lírico entende que a inveja por parte do tempo e a sua incapacidade de não amadurecer referem-se ao fato de ele, diferentemente da persona, se saber eterno, condenado a passar e restar, como um rio, que, portanto, ao mesmo tempo, traz e leva memórias, lembranças, pessoas, lugares. Tudo fica aprisionado a ele.

É ele quem traz, é ele quem leva. O tempo não realiza a elipse, a aporia. A persona, por sua vez, pode alcançá-las e, posto que não é eterna, irá um dia se esquecer do tempo e de si mesma.

No início da canção, o tempo bate à porta da persona, mas é ela quem decide se ele pode ou não entrar, é ela quem abre ou fecha a porta da frente. Ao final da canção, a persona que recebe o tempo à sua porta deixa de adiar o confronto, e consegue, reconhecendo a beleza de sua natureza elíptica, ser capaz de realizar a aporia e recomeçar. Saber, ao contrário do tempo, amadurecer: “No fundo é uma eterna criança/ Que não soube amadurecer/ Eu posso, ele não vai poder/ Me esquecer”.

1.2 ORAÇÃO AO TEMPO (Caetano Veloso)

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e migo
Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto, peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Escrita por Caetano Veloso em 1979, para o álbum “Cinema Transcendental”, “Oração ao tempo” é considerada pela crítica musical uma das canções que “[...] para sempre permanecerão no imaginário dos brasileiros.”⁵ Com uma harmonia simples, que se repete em um círculo modal, sem maiores desenvolvimentos, a canção é a celebração de um moto-contínuo, o próprio tempo. Logo nas frases iniciais, a persona faz um elogio ao tempo: “És um senhor tão bonito/ quanto a cara do meu filho/”. Em que o tempo, embora senhor, ainda mantém, em sua eternidade, a beleza da infância. Porém, nessa relação não acontece o dom, uma vez que há um pedido: “Tempo, tempo, tempo, tempo/ Vou te fazer um pedido”.

Em *Donner le temps* (1991), Jacques Derrida afirma que: “Um dom esperado, moderado, medido ou mensurado, um dom proporcionado ao benefício, ou ao efeito que se imagina, um dom razoável [...] já não seria mais um dom, [...]” (DERRIDA, 1991, p. 187). Nessa lógica, a partir do verso “Entro num acordo contigo”, infere-se que apesar do vínculo, não acontece doação, já que o que se propõe é um acordo, uma troca. Consequentemente, não há dom, porque não há acaso, pois: “O dom como o evento, como evento, deve ser imprevisível, permanecer sem se guardar. Deve deixar-se estruturar pelo aleatório” (DERRIDA, 1991, p. 156). Por conseguinte, ao fazer um pedido e tentar um acordo “guardado em sigilo” com o tempo, o eu-lírico estabelece, ao bem da verdade, mas que um acordo, uma troca, o que se configura é um pacto com o intuito de se alcançar a plenitude, o brilho do espírito, como será percebido ao longo da letra da canção.

Com base na afirmação de que o tempo é o “Compositor de destinos/ Tambor de todos os ritmos/” observa-se que, resguardadas as diferenças, a persona é parceira de ofício do tempo, uma vez que também compõe. Assim, o que se propõe é um pacto entre um vassalo e um suserano: “Portanto, peço-te aquilo/ E te ofereço elogios”. Como há troca, não há dom, não há presente, pois, em conformidade com Derrida (1991): “Onde há sujeito e

objeto, o presente é excluído. Um sujeito nunca dará um objeto a outro sujeito. Mas o sujeito e o objeto são efeitos fixos do presente: os grilhões do presente. Na velocidade nula ou infinita do círculo.” (DERRIDA, 1991, p. 187).

O pacto com o tempo é realizado para que o eu-poético conquiste benefícios, tais como o “prazer legítimo”, “o movimento preciso”. Uma vez que a persona da canção tem a convicção de que precisa do tempo para ganhar “brilho definido”, que reconhece que não estará, nunca, pronta, e que também não é eterna, ela se propõe a fazer um pacto com esse deus. Apesar de se dizer ateu, o compositor Caetano Veloso também se curva diante da força do Deus Tempo.

Embora o passado ou o futuro não importem mais do que o presente, o compositor – que orbita ao redor desse Deus Tempo – tem consciência de que um dia essa força, que o mantém no tempo, vai cessar: “E quando eu tiver saído/ Para fora do teu círculo/ Tempo, tempo, tempo, tempo/ Não serei nem terás sido/”. Sem o tempo, quando não mais for possível mensurar o tempo; nem a persona, nem o tempo existirão. Caetano costuma repetir: “eu não morro, pois quando eu morrer não será mais eu”. Esse mesmo pensamento que Caetano ainda expõe em sua sétima década, já se apresentava na canção de 1979.

Ainda assim, na penúltima estrofe, a canção revela uma crença da persona: “Ainda assim acredito/ Ser possível reunirmo-nos/ Tempo, tempo, tempo, tempo/ Num outro nível de vínculo/”, que conduz à interpretação de uma possibilidade de permanecer no tempo, de outra forma, talvez através da lembrança daqueles que ainda estão vivos no carrossel do tempo.

Por fim, quando diz: “Portanto, peço-te aquilo/ E te ofereço elogios”, a voz lírica sintetiza o acordo, a troca, o pacto que se dá entre o súdito - o cantor, compositor, o artista - e o seu rei: o próprio tempo.

1.3 SOBRE O TEMPO (John Ulhoa)

Tempo, tempo, mano velho
Falta um tanto ainda eu sei
Pra você correr macio
Como zune o novo Sedã

Tempo, tempo, tempo, mano velho
Tempo, tempo, tempo, mano velho
Vai, vai, vai, vai, vai, vai

Tempo amigo
Seja legal
Conto contigo
Pela madrugada
Só me derrube no final

Em 1991 a banda mineira Pato Fu, liderada pelo guitarrista John Ulhoa, gravou o disco *Gol de Quem?* Em seu primeiro disco lançado por uma grande gravadora, a BMG, a banda que iniciava a sua carreira, também trazia sua oração ao tempo, como quem desejava a si mesma vida longa e uma boa sorte. A canção “Sobre o Tempo”, juntamente à versão de “Qualquer Bobagem”, música de Tom Zé que já fora gravada pelos Mutantes no final da década de 1960, alavancou as vendas do disco e fixou, desde então, a banda no imaginário nacional.

Dessa vez, não obstante, não existe pacto nem confronto. Há apenas o entendimento da natureza do tempo que “vai, vai, vai”, sem voltar, e o pedido para que esse “mano velho” “seja legal”, e possibilite o cumprimento de um percurso novo que apenas se anuncia no primeiro disco da banda de rock mineira por uma grande gravadora.

A canção é de autoria de John Ulhoa, mas é cantada por Fernanda Takai. Com um timbre delicado e jovial, a vocalista, tal

qual uma nova Rita Lee, “meio bossa nova e rock ‘n’ roll”, traz, ao rock de John, elementos da bossa eterna de João Gilberto. Sem maiores desenvolvimentos narrativos, a canção se resume a uma oração em que se pede, se prega, sem oferecer nada em troca, na esperança de receber o dom.

Conclusão

“Resposta ao tempo” narra o encontro/confronto entre o eu-poético e o tempo. Nessa canção, o eu-lírico deixa transparecer sentimentos como revolta, amargura e o embate entre o sujeito e o tempo. No entanto, ao longo da canção, todas as dificuldades vão ficando no passado, uma vez que, ao contrário do tempo, soube amadurecer após cumprir o movimento elíptico, realizando a aporia. A voz lírica compreende que já não há mais contas a serem acertadas, e, portanto, aceita, com naturalidade, as diferenças de perspectivas. O tempo está condenado a passar, a avançar, imutável; o sujeito, mutável, por sua vez, um dia há de deixar de acompanhar esse movimento.

Em “Oração ao tempo”, Caetano Veloso, diferentemente da persona de “Resposta ao tempo”, se adianta e propõe, antes mesmo de ouvir as “batidas na porta da frente”, um acordo, ou melhor, um pacto com o tempo. Nesse sentido, o sujeito lírico fala com o tempo através de uma canção repleta de reverências, porém, sem o dom, e sem subserviência, já que se pede ao tempo, mas oferece-se algo em troca. O tempo é considerado uma entidade, já que só se pede algo tão precioso - “prazer legítimo”, “movimento preciso” - a quem é capaz de conceder tamanha graça. Daí o emprego de pronomes e verbos na segunda pessoa para dirigir-se ao tempo, como em: “És um senhor tão bonito”; “Por seres tão inventivo”, “E pareceres contínuo”. Nota-se, pois, a formalidade do eu poético ao tratar o tempo por “Tu”, mas deve-se ressaltar, contudo, a diferença do tratamento concedido a Deus nas religiões cristãs, nas quais se usa o

pronome “Vós”, para conferir respeito, temor e submissão a uma santidade.

Apesar da reverência, a existência do tempo, “compositor de destinos”, é condicionada, na canção de Caetano, à existência de quem canta. Quando deixar de existir o cantor, o tempo, por sua vez, ainda que só para ele – mas é o que importa para a persona dessa canção – também deixará de existir. Em outro momento, não mais ao fim da vida, nem no meio, mas no início de uma trajetória porvir, a banda Pato Fu apenas pede, com delicadeza – agora sim, se tem, de fato, uma oração e não um pacto – a anuência do tempo para que possam seguir em frente, “pela madrugada”.

Referências

BLANC, Aldir. *Vida Noturna*. Produtor: Moacyr Luz. São Paulo: Lua Music. Catálogo Lua 097, 2005.

CAYMMI, Nana. *Resposta ao Tempo*. Produtores: José Milton e Torcuato Mariano. São Paulo: Emi Music Brasil Ltda, 1998. Formato: CD.

DERRIDA, Jacques. *Donner le temps*. Paris: Galilée, 1991, p.156.

_____. *Hospitalidade*. Istambul, 1997, p.39-40.

DINIZ, Júlio. O recado do morro – criação e recepção da música popular brasileira. In: *Literatura e Cultura*. Organizadores: Heidrum Krieger e Olinto e Karl Erik Schollhammer. Rio de Janeiro: Ed. PUC–Rio, 2008.

DICIONÁRIO MPB. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/cristovao-bastos/dados-artisticos> Acesso em 02 de julho de 2018.

_____. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/caetano-veloso/critica> Acesso em 02 de julho de 2018.

LYOTARD, Jean François. O Inumano – Considerações sobre o Tempo. Tradução de Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

NANCY, Jean Luc. Apertura dell’aporia. In.: EYBEN, P. IV *Seminário Internacional Escritura*. Linguagem e Pensamento - Pensamento Intruso: literatura,

filosofia e infinito (no limiar de Nancy & Derrida). 2013. (Congresso).

PATO FU. *Gol de Quem?* Produtor: Carlos Savalla. São Paulo: Sony BMG, 1995. Formatos: LP/CD.

SOUZA, Tárík de. *Tem mais samba: das raízes à eletrônica*. São Paulo: Editora 34, 2003, p.289-290.

TATIT, Luiz. *O Cancionista*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

VELOSO, Caetano. *Cinema Transcendental*. Produtor: Caetano Veloso. Polygram/Philips, 1979. Formatos: (LP/1979), (CD/1989).

Notas

³ Disponível em < <http://dicionariompb.com.br/cristovao-bastos/dados-artisticos>>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

⁴ Em seu livro *O Cancionista*, Luiz Tatit (2002) conceitua os tonemas: “inflexões que finalizam as frases entoativas, definindo o ponto nevrálgico da significação. Com apenas três possibilidades físicas de realização (descendência, ascendência ou supressão), os tonemas oferecem um modelo geral e econômico para a análise figurativa da melodia, a partir das oscilações tensivas da voz (TATIT, 2002, p.21).

⁵ Disponível em <<http://dicionariompb.com.br/caetano-veloso/critica>>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

Recebido em 15/09/2019